

RELATÓRIO DA INTERVENÇÃO ARQUEOLÓGICA NA MESQUITA / IGREJA MATRIZ DE MÉRTOLA



MARÇO DE 2005

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO
 2. OBJECTIVOS ESTRATÉGIA E METODOLOGIA
 3. O SÍTIO. HISTÓRIA DAS INVESTIGAÇÕES
 4. DESCRIÇÃO DOS TRABALHOS E ESTRATIGRAFIA
 - 4.1. EXTERIOR
 - 4.2. INTERIOR
 5. DESCRIÇÃO E INTERPRETAÇÃO DAS ESTRUTURAS
 6. O ESPÓLIO
 7. CONCLUSÕES
 8. BIBLIOGRAFIA
- ANEXOS
- A. Estampas
 - B. Figuras
 - C. Fotografias
 - D. Estudo Antropológico Preliminar
 - E. Breve Inventário do Material
 - F. Breve Estudo Numismático

1. INTRODUÇÃO

A intervenção arqueológica na Mesquita / Igreja Matriz de Mértola enquadra-se no âmbito dos trabalhos gerais de recuperação do monumento iniciados pelo IPPAR em 2003.

As sondagens arqueológicas, efectuadas pelo Campo Arqueológico de Mértola, visavam diagnosticar possíveis problemas estruturais no edifício e averiguar a origem da humidade que está a afectar o estuque do *mīnbar* da Mesquita-Igreja Matriz de Mértola.

Esta intervenção também pretendia determinar a solidez e cronologia dos alicerces do *mīnbar* assim como a estratigrafia geral do subsolo do monumento e a existência ou não de estruturas anteriores à mesquita almóada.

2. OBJECTIVOS, ESTRATÉGIA E METODOLOGIA

A intervenção arqueológica desenvolveu-se em duas áreas. Em primeiro lugar foi realizada uma sondagem no exterior da Mesquita – Igreja Matriz junto ao *muro*. O principal objectivo desta intervenção era averiguar o motivo do abatimento do terreno junto do muro de contenção da plataforma onde se encontra o edifício, e os possíveis riscos de desabamento do mesmo.

Uma segunda intervenção teve lugar no interior da Igreja no nicho do *muro*. O principal objectivo desta sondagem era determinar o estado em que se encontram as fundações do monumento e determinar possíveis patologias derivadas de elementos subterrâneos. Aproveitou-se a oportunidade para determinar estratigrafias e constatar a existência de vestígios de construções anteriores.

No exterior do edifício, no sector nascente do Adro da Igreja, foi implantada uma malha de quadrículas de 2 por 2 m de lado. O espólio recolhido foi registado com a respectiva informação contextual (código da estação arqueológica, campanha e contexto de achado; exemplo: M03/MIM/001).

Contrariamente, no interior do *muro*, a dificuldade em implantar uma rede de quadrículas e o reduzido espaço a ser escavado levaram-nos a prescindir de uma referência a quadrículas. A localização das estruturas, contextos e materiais surgidos na escavação foram realizados em função da própria estrutura do *muro*. Deste modo, o número de quadrícula foi substituído pela referência IM (Interior do *Muro*) que precede o número de contexto que foi iniciado pelo 1. Deste modo, os materiais foram marcados com a referência MIM/04/IM001 = Mesquita Igreja Matriz / 2004 / Interior do *Muro* u.e. 001.

Nas duas áreas a escavação processou-se levantando, sucessivamente, os distintos contextos arqueológicos naturais, que foram devidamente documentados mediante recurso a desenho (escala 1:20 para estruturas e 1:10 para sepulturas e achados especiais) e fotografia (preto e branco, cor, diapositivo e digital).

A intervenção arqueológica foi desenvolvida por uma equipa constituída pelos seguintes profissionais:

Arqueólogos: Cláudio Torres, Susana Gómez, Virgílio Lopes e Santiago Macias.

Estagiárias da Universidade de Évora: Maria de Fátima Palma e Ana Rita Santos.

Técnicos de Arqueologia: Adriano Guerreiro, Clara Rodrigues, José Filipe, Mauro Valente, Nélia Romba, Nélia Silva, Ricardo Costa, Rute Fortuna, Sérgio Rosa e Silvia Valente.

Técnicos de conservação e restauro: Lúcia Rafael e Guilhermina Bento.

Antropologia física: Clara Rodrigues sob orientação de Dominique Le Bars, especialista em arqueologia funerária e paleontologia.

Pontualmente contou-se com a colaboração dos alunos do curso de Técnicos de Museografia Arqueológica da Delegação de Mértola da Escola Profissional Bento de Jesus Caraça.

Temos a agradecer ainda a colaboração da Câmara Municipal de Mértola e da empresa de construção Serra que contribuíram para a remoção das terras derivadas a escavação e a paciência do Vigário Paroquial pelos incómodos causados.

3. O SÍTIO. HISTÓRIA DAS INVESTIGAÇÕES

A antiga Mesquita almóada de Mértola, actual Igreja da Nossa Senhora da Anunciação, é um dos monumentos mais destacados de Mértola e uma peça única no contexto de Portugal já que é o único edifício do país no qual se reconhecem elementos originais de uma mesquita.

Localiza-se (ver Est. 1) numa plataforma elevada em relação aos terrenos situados a sudeste tornando-a bem visível, sobre tudo para quem contempla a vila desde a margem esquerda do Rio Guadiana.

Parece que nunca se perdeu a consciência de tratar-se duma mesquita transformada em igreja. Assim o afirmava Duarte Darmas num dos desenhos que fez da vila em inícios do século XVI, por volta de 1509, onde pode ler-se junto do edifício “*igreja que foy misquyta*” (Almeida, 1943; ver Est. 2).

Pouco depois desta data tiveram lugar importantes obras de beneficiação do edifício que destruíram, ocultaram ou disfarçaram os elementos característicos da mesquita. A maior parte deles só vieram à luz com as obras de restauro empreendidas em meados do século XX pela *Direcção Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais* (DGEMN, 1953).

Um dos primeiros investigadores da arte islâmica na Península Ibérica que se ocupou da mesquita de Mértola foi Torres Balbás (1955), que utiliza apenas a informação da DGEMN, sem se deslocar até Mértola. O primeiro estudo pormenorizado foi obra de Christian Ewert (1973a e 1973b). Recentemente foram publicados trabalhos

monográficos nos quais se aproveitam as detalhadas informações facilitadas pela documentação tardomedieval e moderna (Boiça e Barros, 1999; Macias *et alii*, 2002).

Vários indícios assinalam a existência de edifícios religiosos anteriores ao século XII neste lugar. Chegaram até nós alguns fragmentos de elementos arquitectónicos ornamentais incrustados nas paredes do edifício. Este é o caso dum arquitrave de mármore com motivos vegetais do século II d.C. que se encontra ainda encastrado num dos muros da igreja. Não deve ter sido o único material de construção romano empregue na mesquita, seguramente também foram reutilizados alguns dos fustes de coluna que teriam pertencido a um possível templo romano (Macias *et alii*, 2002: 13).

Também Abel Viana (1950) assinalou como, durante as obras dos Monumentos Nacionais, foi retirada do edifício uma inscrição comemorativa dedicada a Marco Aurélio de finais do 163 o inícios do 164 d.C. Esta inscrição pertenceria a esse hipotético espaço áulico (Macias *et alii*, 2002: 13).

Um maior número de evidencias referem-se a um templo da Antiguidade Tardia, provavelmente datável do século VII d.C. (Macias *et alii*, 2002: 13). Na sua maioria tratam-se de elementos arquitectónicos (ábacos ou cimácios) encontrados durante as campanhas de restauro efectuadas pela DGEMN. Estas peças encontram-se recolhidas no Núcleo Lapidar do Museu de Mértola localizado no interior da Torre do Menagem do Castelo de Mértola (Torres *et alii*, 1991a).

Dois dos capiteis ainda em uso no edifício devem ter pertencido também a algum edifício da Antiguidade Tardia. Os paralelos para estes capiteis fornecem uma cronologia duvidosa, com datas que oscilam entre os séculos VI-VII para os capiteis da Mesquita de Córdoba e o século IX do mosteiro de San Miguel de Escalada (Gómez-Moreno, 1919: lam. XLI, XLV) ou, os mais aproximados, da Igreja de Santo Amaro de Beja (Torres *et alii*, 1993: 26-27; Macias *et alii*, 2002: 13).

Desconhecemos completamente a cronologia do abandono do referido edifício. Argumenta-se a possibilidade de que fosse adaptado a Mesquita até à sua substituição pelo templo almóada (Macias *et alii*, 2002: 17). Também não se exclui a possibilidade

de ter sido construída no seu lugar uma mesquita, posteriormente reconstruída em época almóada (Ewert, 1973b: 34).

Desta antiga mesquita conservam-se os muros exteriores do edifício e quatro das suas portas de acesso. A planta é trapezoidal (ver Est. 3); mede, no interior, 19,06 m para o muro da *qibla*, 18,13 m. para o muro oposto, 15,92 m para o lado noroeste e 13,5 m para o muro sudoeste (Ewert, 1973b: 12; Macias *et alii*, 2002: 20; ver fig. 24). O espaço divide-se em cinco naves, das quais a central, situada frente ao *mihrāb*, é ligeiramente mais larga. A nave meridional é ligeiramente mais estreita no extremo oposto à *qibla*.

Existe um ressalto, aproximadamente a uns 5,50 m, no exterior das fachadas sudeste e noroeste que deve marcar a altura original dos muros da mesquita que foram acrescidos no século XVI (Macias *et alii*, 2002: 23).

Três das portas conservadas da mesquita distribuem-se irregularmente pela fachada nordeste (foto 2) e a quarta situa-se no muro da *qibla* (foto 1). Trata-se de portas estreitas, com aproximadamente um metro de largura, construídas com pedra e tijolo. Rematam num arco de ferradura ligeiramente apontado enquadrado no seu respectivo alfiz. Os arcos são bastante fechados, com a linha de impostas situada aproximadamente a três quartos do diâmetro do arco.

O elemento mais importante conservado é o *mihrāb* que se encontra orientado a sudeste. A planta apresenta, ao exterior, cinco dos lados de um octógono de lados desiguais. No interior encontramos um nicho também com planta semioctogonal com uma largura de pouco mais de um metro, aberto num espaço rectangular que interrompe o muro da *qibla*.

O nicho conserva ainda o estuque de gesso que o revestia em época almóada (ver foto 3). Encontra-se ornamentado com uma arcaria cega na qual a clave dos arcos ocupa os cantos do octógono. A arcaria era composta por colunas, das quais só se conserva uma. Sobre ela desenhava-se com incisões um capitel geométrico simples. Sobre as colunas apoiavam-se os arcos de ferradura apontados, com caprichosos

lóbulo construídos com elementos fitomórficos a modo de palmetas. O arranque do arco apresenta os típicos salmeres em forma de “S” da arte almóada que podemos encontrar, por exemplo, na Mesquita de Tinmal (Basset e Terrasse, 1932: Pl. V, VI e VII).

Sobre a arcaria encontramos um friso tangente às claves dos arcos, que representa um estreito “Cordão da Eternidade” de dois cabos, muito estilizado. Sobre ele projecta-se para o exterior uma cornija, muito grande em proporção à arqueria, delimitada por outros dos Cordões da Eternidade, o inferior também de dois cabos, e o superior de três. Perdeu-se a ornamentação que cobriria a pequena abóbada de quarto de esfera do nicho, construída com tijolo como podemos verificar nas fotografias da DGEMN (ver foto 4).

Os desenhos realizados por Duarte Darmas em 1509 (Almeida, 1943; ver Est. 2) fornecem-nos bastante informação sobre qual seria o estado da mesquita após a sua inicial transformação em igreja. Da análise do desenho depreende-se que o espaço interior estava dividido em cinco naves perpendiculares ao muro da *qibla* cobertas pelos seus respectivos telhados de duas águas, em lugar do actual telhado único de duas águas. Seis contrafortes reforçavam o muro da *qibla*, para compensar a pressão exercida pelos arcos que dividiam as naves.

Também é perfeitamente visível no desenho, junto do muro oposto à *qibla*, o alminar de planta quadrada. Este encontrava-se dividido em dois corpos, cúbico o superior, rematados por um elemento que talvez fosse uma arcaria cega configurada com tijolos, embora as visitas da Ordem de Santiago especifiquem que o alminar era de alvenaria (Barros, Boiça e Gabriel, 1996: 318). Também segundo as visitas, tinha no seu interior uma escada em caracol (Barros, Boiça e Gabriel, 1996: 68, 212).

No desenho de Duarte Darmas vislumbra-se uma porta no muro oposto à *qibla* que, segundo a documentação de 1515, era de tijolo sobre dois mármore (Barros, Boiça e Gabriel, 1996: 68). Poderia ser esta a que Ewert considerava como a entrada principal da mesquita. Para ele também existiam outras três portas na fachada sudoeste (Ewert, 1973b: 13). No se pode comprovar esta hipótese no desenho de Duarte Darmas

que representa uma única porta nessa fachada, onde hoje se situa a entrada principal da igreja, construída no século XVI.

O desenho de Duarte Darmas apresenta algumas imprecisões e incongruências. Por um lado, não aparece nele o *mīrāb*, que todavia hoje se conserva. Por outro lado, as duas vistas que desenhou não são coincidentes na localização exacta do alminar, mostrando alguns erros de perspectiva do desenho.

As naves da sala de oração não eram de quatro tramos como pensava Ewert (1973b: 13 e 16-26). Pelas Visitações da Orden de Santiago, sabemos que as cinco naves em que se dividia o espaço interior estavam segmentadas em seis tramos definidos por arcos de pedra, e não por quatro como sucede actualmente. Também nos informam que eram cobertas por um tecto de madeira sobre o qual se erguiam os cinco telhados de duas águas visíveis no desenho de Duarte Darmas (Barros, Boiça e Gabriel, 1996: 68).

Na documentação também se menciona outro elemento hoje perdido, um nicho situado junto ao *mīrāb* no qual se guardaria um *mimbar* móvel de madeira (Barros, Boiça e Gabriel, 1996: 43, 318). Isso poderia justificar, *per se*, o facto de que o nicho do *mīrāb* esteja descentrado em relação ao volume de conjunto sem necessidade de recorrer à questão duma reconstrução numa segunda fase construtiva da mesquita como argumenta Ewert (1973b: 26 e sig.). Este nicho é visível nas fotografias que documentaram as obras de restauro da igreja nos anos quarenta do século XX (Macias *Et Alii*, 2002: 91; ver foto 4).

Argumentou-se que, tendo como paralelo a mesquita de Tinmal, em Mértola também pôde ter havido uma planta em “T” com uma nave mais larga paralela ao muro da *qibla* (Macias *et alii*, 2002: 21). Esta hipótese teria a sua confirmação no desenho de Duarte Darmas se nele se encontrasse representado um ou vários telhados mais altos, paralelos ao muro da *qibla*, como costuma encontrar-se nos templos de planta em “T” (ver por exemplo a reconstituição de Tinmal em Ewert, 1984) facto que não se verifica, segundo o autor alemão, por imprecisão do autor do desenho (Ewert, 1973b: 26).

São também os paralelos com outros templos almóadas, o que permite datar a construção da mesquita na segunda metade do século XII (Macias *et alii*, 2002: 30), em data posterior à tomada definitiva de Mértola pelos almóadas em 1157, seguramente por volta de finais do século dada a sua relação com o *mīrāb* da mesquita de Almería (Ewert, 1973b: 34-35).

4. DESCRIÇÃO DOS TRABALHOS DESENVOLVIDOS

4. 1. ESCAVAÇÃO NO EXTERIOR DA MESQUITA / IGREJA MATRIZ

A escavação teve o seu início no quadrados A6, B6, A7 e B7, mas posteriormente foi alargada aos quadrados A2, A3, A4, B2, B3, B4, B5, C2, C3, C4, C5, C6 e C7 e sobre os quais se implantou uma estrutura móvel de protecção. Foi iniciado o levantamento da primeira unidade estratigráfica com o número 001, que consiste num pavimento de grandes lajes de calcário unidas com cimento muito compacto que se estendia por todo o Adro da Igreja (ver fig. 1 onde foram marcadas as linhas de fractura e abatimento do piso).

Este pavimento assentava sobre uma outra camada de pedras de rio cobertas de cimento (u.e. 002) que servia de preparação à camada anterior (ver foto 5 e fig. 2). Debaixo desta encontrava-se a u.e. 003 formada por uma camada de terra arenosa castanha pouco compacta que continha alguns ossos humanos muito deteriorados. Devia tratar-se de uma camada destinada a nivelar o terreno como preparação à colocação do pavimento do adro (ver fig. 003).

Debaixo deste nível encontrou-se um muro, paralelo ao muro da *qibla* da mesquita, construído com alvenaria de pedras de xisto irregulares unidas com argamassa. Esta estrutura foi designada com o número de u.e. 004 (ver fig. 4 e 14). A

face do muro virada para nascente está revestida de um reboco de argamassa de cal. Este muro fecha o espaço existente entre o *mümrü*, o muro da *qibla* e o contraforte sudeste da Igreja Matriz.

Nesse espaço localizava-se um ossário. Dada a grande espessura que o ossário poderia atingir e a limitação de tempo existente para realizar a intervenção optou-se inicialmente por restringir a escavação a uma sondagem numa extensão de um metro de terreno junto do *mümrü* mas, posteriormente, foi integralmente escavado.

À primeira camada de ossos foi atribuído o número de u.e. 011 (ver foto 6 e fig. 4). Nela aparece uma grande quantidade de ossos humanos muito deteriorados e sem nenhuma conexão anatómica entre si, alguma terra arenosa castanha clara, algumas placas/nódulos de argamassa de cal e fragmentos de telha e cerâmica. Este depósito de ossos encostava directamente nos paramentos da igreja, até uma profundidade de 1 m. aproximadamente, sendo de destacar o facto de alguns dos ossos se encontrarem incutidos na argamassa do muro u.e. 004. No que diz respeito ao espólio encontrado podemos referir a presença de um fragmento de azulejo decorado com a técnica da aresta que podemos datar entre os séculos XV e XVI.

A uma profundidade aproximada de 1m começou a aparecer uma maior quantidade de terra e fragmentos de telha e tijolo no ossário, facto que levou a atribuir um novo número de unidade estratigráfica (nº 023, ver foto 7 e fig. 6). Neste contexto apareceram novos fragmentos de azulejo decorado com a técnica de aresta dos séculos XV-XVI e um pucarinho com decoração em relevo do séc. XVI ou XVII.

A medida que se aprofundava na u.e. 023 os ossos apareciam em melhor estado de conservação, estando alguns deles completos.

O ossário tinha a sua base a uma profundidade de 1,5 m. Neste ponto o estrato dá lugar a uma camada de terra arenosa castanha clara com alguns ossos humanos bem conservados e fragmentos de telha e tijolo onde também encontramos fragmentos de azulejos decorados com a técnica da aresta. A este novo contexto atribuiu-se o

número de u.e. 041 (ver foto 8 e fig. 7). Destacamos o achado, neste contexto, junto de alguns alfinetes, de uma conta esférica com furo central circular de vidro negro.

A 1, 70 m deixam de aparecer ossos e encontramos uma nova camada de terra castanha bastante compacta que ainda não foi levantada.

Entre o espólio recolhido no ossário podemos destacar fragmentos de vidro, uma lâmina de faca e vários pregos de ferro, alfinetes e brincos de bronze, e vestígios de um têxtil com aplicações de fio de prata associados a um fémur e a um alfinete.

A Sul do muro 004 encontramos uma camada de argamassa de cal (u.e. 005, ver foto 9 e fig. 3) que devemos associar também com os preparativos para a pavimentação do adro. Nela foi encontrada uma moeda de 10 centavos possivelmente de meados do século XX.

Debaixo desta camada encontramos uma outra (u.e. 006) de terra arenosa castanha muito solta com pequenas pedras de xisto, fragmentos de telha e de tijolo. Este nível cobria o topo de dois muros com os números de u.e. 007 e 008 respectivamente (ver fig. 4 e 15). O muro 007 é paralelo ao muro da *qibla* e foi construído com pedra e argamassa de cal. Tem 35 cm de largura e encosta a outros dois muros com orientação aproximada E-W.

O outro muro (u.e. 008), perpendicular ao muro da *qibla* da mesquita foi construído entre os muro 004 e 007; é de pedra e argamassa de cal e tem 75 cm de largura.

Um terceiro muro (u.e. 017, ver fig. 5 e 16) localiza-se no perfil Sul da escavação, no alinhamento do contraforte da Igreja sendo, portanto perpendicular ao muro da *qibla*.

Por último um quarto muro (u.e. 022) fecha esta área. Trata-se de um muro perpendicular ao *mīrab*, com orientação aproximada Este-Oeste, revestido de argamassa de cal e caiado, embora se perceba nalguns pontos que foi construído com tijolos, ao menos parcialmente. Nele encontra-se ainda em pé uma porta rematada por um arco abatido que comunica com um outro compartimento situado a Norte. O arco

encontra-se em mau estado de conservação com profundas fendas que fizeram abater a parte superior esquerda do arco (ver foto 11 e fig. 18 e 19).

Entre os muros 017, 004, 007 e 008 foi detectada uma camada de entulho composta por terra castanha escura arenosa pouco compacta, com abundantes pedras de xisto, nódulos de argamassa de cal, fragmentos de telha e tijolo e alguns fragmentos de cerâmica, de vieira, cinzas e carvão. Tal camada foi designada como u.e. 010 (ver fig. 4).

Debaixo desta encontrou-se um pavimento designado como u.e. 013 (ver fig. 5), formado por argamassa de cal. Parece ter sido construído durante as obras de restauro da igreja em meados do século XX. O pavimento ocultava um outro, formado por lajes de xisto (u.e. 014, ver fig. 6), entre os quais encontramos um outro de terra batida (u.e. 015), contemporâneos ambos ao muro 017 visto algumas das lajes de xisto fazerem parte da soleira de uma porta detectada no referido muro.

O pavimento não foi removido, devendo registar-se que no canto NW se encontrava destruído, deixando à vista uma camada de terra castanha com bastantes fragmentos de tijolo, telha e com alguns ossos, possivelmente humanos (u.e. 016, ver foto 10 e fig. 6).

Entre os muros 004, 008, 007, 022 e o *mural* encontramos uma camada de entulho formada por terra castanha arenosa solta com abundantes fragmentos de telha, tijolo, pequenas pedras de xisto e nódulos de argamassa que designamos como u.e. 012 (ver fig. 4). Junto dela encontramos a estrutura de uma escada da qual se conservam dois degraus e que foi classificada como u.e. 029 (ver fig. 4).

Os degraus foram construídos com tijolos e argamassa e revestidos de argamassa de cal no espelho do degrau. Um dos degraus estava coberto pelo contexto 012.

Depois de retirado o contexto 012 encontrámos um pavimento de lajes de xisto situado, sensivelmente, à mesma cota que o pavimento com o número 014 encontrado na quadrícula B7. Este novo pavimento, designado com o número 036 (ver foto 12 e fig.

4), encontra-se interrompido provavelmente pela fossa de fundação do muro 008, a qual esta fossa está preenchida por uma camada de terra castanha escura que foi designada com o n.º 037 (ver fig. 5), mas que ainda não foi levantada.

O espaço delimitado pelas escadas e pelo muro 022 encontrava-se entulhado por uma camada de terra castanha escura com algumas pedras de xisto de pequenas dimensões que recebeu o n.º de u.e. 030. Debaixo desta camada aparecia uma outra, de entulho formado principalmente por pedras de xisto de tamanho médio relativamente bem organizadas. A esta segunda camada de entulho atribuiu-se a u.e. 031 (ver fig. 4). Cabe destacar o achado neste contexto dum fragmento de garrafinha de cerâmica decorada com pequenas estampilhas e digitações dos séculos XVI-XVII. Também foram encontrados uma ponta de fuso em bronze, fragmentos de objectos indefinidos, pregos, ferragens. Entre o material orgânico encontrado cabe destacar alguns fragmentos de ossos de animais.

Depois de retirar a u.e. 031 ficou à vista o fragmento de um fuste de coluna que forma o degrau da escadas (contexto 029 ver fig. 8) e parte de um arco de tijolo entaipado mas ainda visível no muro 022, sobre todo no seu topo (ver foto 13).

No espaço delimitado pelos muros 007, 017, 022 e o muro de contenção do adro (u.e. 019, ver fig. 17) encontramos uma camada de terra castanha escura arenosa bastante solta com abundantes fragmentos de tijolo, telha, e de revestimento de estuque (reboco) de argamassa de cal (u.e. 009, ver fig. 4). Trata-se, sem dúvida, de entulho depositado no século XX visto terem-se encontrado no seu interior abundantes materiais contemporâneos como envoltórios de rebuçados. Também foram encontrados no seu interior fragmentos de vidro, pontas de fuso em bronze, ferragens de portas e outros objectos metálicos de forma e função indefinida. Esta camada era muito pouco compacta, motivo que justifica o abatimento do pavimento do adro.

O muro de contenção da plataforma do adro (u.e. 019) foi construído com pedras de xisto, tijolo e argamassa de cal e tem orientação Norte-Sul aproximadamente. Nele encontramos uma janela entaipada encimada por um arco abatido de tijolo (ver fig. 17).

Dentro do depósito de entulho (u.e. 009) encontramos grandes blocos de muro de taipa, ainda com as suas faces rebocadas com argamassa de cal e caiadas. Dadas as suas extraordinárias dimensões foi-lhe atribuído um novo número de u.e. 018 (ver fotos 11 e 14, e fig. 5 e 6). Os blocos de taipa continham no seu interior vários fragmentos de cerâmica, entre eles um vidrado em branco e azul. Também continham alguns fragmentos de prego e de outros objectos indeterminados de ferro e um disco de xisto.

Os grandes blocos de taipa assentavam sobre uma camada de pedras de xisto de tamanho médio e grande (u.e. 020, ver fig. 5). A partir do surgimento destes blocos passámos a designar a camada de entulho com o número de contexto 021 caracterizada por possuir terra castanha muito solta com pedras de xisto de médio e grande porte, com abundantes tijolos telhas e blocos de taipa ainda revestidos de argamassa e cal, de características idênticas às do contexto 009 (ver foto 14 e fig. 6). No seu interior foram encontrados fragmentos e escória de vidro, pregos e fragmentos de objectos indeterminados em ferro e latão, uma pedra de jogo em xisto e alguns ossos de animal.

Debaixo deste contexto encontravam-se outros derrubes. No canto formado pelos muros 007 e 022, encontramos uma bolsa formada maioritariamente por pedras (u.e. 025, ver fig. 7). No canto formado pelos muros 007 e 017, o derrube era integrado na sua maior parte por tijolos (u.e. 026, ver fig. 7). No parapeito da janela entaipada do muro 019 encontramos uma bolsa de pedras de xisto que parece ter sido depositada intencionalmente e que designámos com o número de u.e. 027 (ver fig. 7). No canto formado pelos muros 022 e 019 ainda se estendia uma camada de entulho pouco compacto que designámos como u.e. 028, e que se sobrepunha, parcialmente, a uma camada de telhas (u.e. 024, ver foto 15 e fig. 7), a uma pequena bolsa de terra arenosa (u.e. 054), e a uma camada de argamassa de cal muito deteriorada (classificada como u.e. 033, ver foto 16 e fig. 9). No seu interior foram encontrados fragmentos de vidro, diversos fragmentos de objectos não identificados, pregos e uma chave de grandes dimensões em ferro, uma faca com cabo de madeira e outros fragmentos de madeira.

A camada de telhas (u.e. 024) encontrava-se a uma maior altura no canto formado pelos muros 017 e 019, mas estendia-se por todo o compartimento sob os

outros contextos. No seu interior foram encontrados muitos objectos, que tinham ficado abandonados na semi-cave antes da destruição da sacristia. Entre eles destacam-se vários fragmentos de vidro, pregos, uma argola, uma dobradiça, fragmentos de ferragens, uma tranca, uma chave, duas fechaduras e vários fragmentos de lâmpadas ou lanternas de procissão de ferro.

Esta camada de telhas que designámos como 024 sobrepunha-se a um interessante conjunto de contextos. Nos pontos onde o pavimento argamassado (u.e. 33) tinha desaparecido surgia um pavimento de seixos de rio e pequenas pedras de xisto que designámos como u.e. 034 (ver foto 16 e fig. 9).

Junto dos muros 017 e 007 encontrámos uma estrutura composta por um muro de argamassa de cal, pedra e tijolo com um orifício rectangular com saída na parte inferior sobre o qual tinha sido colocada a parte inferior de um recipiente. A estrutura foi interpretada como uma latrina. A este conjunto foi atribuído o número de contexto 040 (ver foto 17 e fig. 9).

Apoiava-se sobre um muro que se prolonga para o Norte, paralelo ao muro 007, constituído por pedras de xisto e terra e que designámos com o número de contexto 042 (ver fig. 9).

Por sua vez, a estrutura da latrina encontra-se unida a um pequeno muro encostado ao muro 017 que parece tratar-se de uma espécie de poial e que classificamos como u.e. 045 (ver fig. 7).

No restante espaço, debaixo do contexto 024, encontrámos uma camada de argamassa bastante espessa e irregular dentro da qual se detectou uma grande quantidade de materiais arqueológicos (ver foto 18), semelhante à u.e. 033 mas a que atribuímos o número de u.e. 039 por existir uma lacuna entre elas (ver fig. 9). No seu interior encontramos algumas bolsas de terra castanha muito solta e verificamos que alguns objectos de grandes dimensões ocupavam as duas unidades estratigráficas.

Entre os materiais encontrados nestes contextos destacamos vários fragmentos de tecido, um entrançado de fios de bronze e diversos objectos em ferro, entre os quais

vários pregos, uma fivela, uma fechadura, um ferrolho, uma estaca, uma tranca de grandes dimensões e uma lâmpada processional (ver fotos 18 e 19). Foram encontrados alguns vestígios de matéria orgânica entre os quais vários fragmentos de madeira, um deles decorado, e um tocheiro também de madeira, buinho entrançado, por vezes misturado com argamassa, fragmentos de tecido, alguns deles com fios dourados, e conchas

Debaixo desta camada de argamassa de cal encontrámos uma calçada de seixos e pedras de xisto semelhante à designada com o número 034 mas da qual se encontra separada por duas estruturas, motivo que nos levou a dar um novo número de contexto (u.e. 044, ver fig. 9).

Também se nos deparou uma estrutura rectangular construída com pedras de xisto e tijolos, encostada ao muro 042 e ao esgoto 040, que designámos como contexto 046 e que interpretámos como uma caixa de esgoto. No seu interior encontrámos uma camada de telhas completas ou pouco fragmentadas (u.e. 049, ver foto 20 e fig. 10). Entre as telhas encontramos um fragmento de vidro, e diversos fragmentos de objecto de ferro não identificados, dobradiças e ferragens.

As estruturas que separam as calçadas 044 e 034 consistem em dois muros paralelos entre si e perpendiculares ao muro 042 ao qual se encostam e a que atribuímos, respectivamente, as u.e. 050 e 051. Ambos foram construídos antes das calçadas que encostam também ao muro 042 (ver fotos 20 e 21 e fig. 10).

Mais a norte também foi retirado por completo a camada de argamassa de cal muito deteriorada designada como u.e. 033, a qual continha uma grande quantidade de materiais arqueológicos entre os quais muitos pregos de ferro.

Ficou então completamente a descoberto o pavimento de seixos de rio (contexto 034) que se encontrava interrompido nas proximidades dos muros 019 e 022 (ver foto 22). Também ficou a descoberto por completo o muro que já tinha começado a surgir na parte Sul do compartimento e que tinha sido designado com o número de contexto 042.

No canto formado pelos muros 042 e 022 encontramos, junto do pavimento de seixos, um conjunto de lajes de xisto (u.e. 052, ver fig. 10).

Mais a nascente, junto do vão do muro 022, encontramos outro possível pavimento de argamassa de cal (u.e. 055, ver fig. 10) que, por sua vez, cobria um conjunto de pedras de xisto (u.e. 056).

Junto dos muros 022 e 019 encontramos sob a camada de argamassa de cal u.e. 033 uma outra camada de terra arenosa que designamos como u.e. 054). Esta sobrepunha-se a um conjunto de lajes de xisto que podem ter formado parte de um pavimento (u.e. 057).

A Norte do muro 022, depois de retirado o pavimento do adro (contextos 001, 002 e 003) encontrou-se um pavimento de argamassa de cal muito deteriorado que designámos como u.e. 032 e que podemos associar à u.e. 005.

Debaixo deste pavimento encontrou-se um muro sobre o qual assenta o *muralha*, composto por grandes silhares (u.e. 053), dois grandes muros unidos entre si formando esquina, com um embasamento mais largo (u.e. 035, ver fig. 8), e uma camada de entulho (designada como u.e. 038, ver fig. 6) com as mesmas características do contexto 009 do compartimento situado a Sul: terra castanha escura com grandes pedras de xisto, tijolo e telha. O contexto 038 forneceu também fragmentos de cerâmica de diversa cronologia (porcelana e loiça decorada a branco e azul, cerâmica de cozinha vidrada em melado, etc.), vários alfinetes e uma moeda de 10 centavos em bronze, dois fragmentos de uma chave, uma escória de ferro, uma argola, e outros objectos não identificados em ferro.

A u.e. 038 era extremadamente instável e pouco compacta correndo sérios riscos de abatimento. Continha dois grandes blocos de betão armado, cujas enormes dimensões obrigaram a interromper a escavação deste contexto, neste sector (ver foto 23). No espaço entre o muro 022 e o 035 camada atingia uma profundidade de aproximadamente 1,80 m identificando-se nessa cota um pavimento de argamassa de cal bastante irregular (u.e. 047, ver foto 24 e fig. 7). Este pavimento está bastante

deteriorado e deixa a descoberto, nalguns pontos, uma camada subjacente de terra castanha que designámos como contexto 048. O depósito desta camada de entulho deve ser contemporâneo, sem dúvida, das obras dos Monumentos Nacionais de meados do século XX.

Na quadrícula 2C verificámos que o arcobotante da igreja assenta sobre o muro que fechava a sacristia pelo seu lado Norte (u.e. 060) o qual, por sua vez, encostava na estrutura u.e. 035 (ver fig. 8). O muro que fechava o espaço a nascente (u.e. 061) encostava tanto ao muro do arcobotante (u.e. 060) como ao muro perpendicular ao *mīrāb* (u.e. 022).

Na quadrícula 4A, depois de retirar esta camada de entulho (u.e. 038) verificámos que o muro da *qibla* e o *mīrāb* tinham sido parcialmente destruídos por uma sondagem efectuada, seguramente, aquando das obras da DGEMN (ver planta na fig. 9 e alçados nas fig. 23, 24 e 25), já que foi preenchida com o entulho proveniente da destruição da sacristia (u.e. 038) caracterizado pela presença de blocos de cimento. A unidade estratigráfica negativa derivada da sondagem supostamente efectuada durante as obras da DGEMN foi designada com o número 110 (ver foto 25).

A escavação do contexto 038 nestas quadrículas permitiu verificar que o grande muro que designamos com o número de u.e. 035 encosta no contraforte da mesquita, sendo portanto posterior ao período almóada (ver foto 28), contrariando a hipótese inicial de tratar-se de um *podium* de época romana. Referiremos ainda que no topo do muro 035, mas não no seu interior, foi encontrada uma moeda, V Reais de D. Sebastião I em cobre, e uma conta de osso.

Por outro lado, nas superfícies verticais da fossa 110 é possível distinguir que o muro u.e. 035 no seu sector ocidental, junto da *qibla*, tinha o seu embasamento a uma altura muito maior do que aquilo que conhecíamos nas quadrículas 4B e 4C (ver fig. 25). Neste sector o muro assentava sobre uma camada de terra castanha escura (u.e. 059) que continha os ossos, em conexão anatómica, das pernas dum esqueleto humano com orientação aproximada SW-NE. A sepultura deve ter sido parcialmente

destruída pela sondagem u.e. 110 tendo-se apenas salvaguardado os ossos que se encontravam debaixo do muro e que nós localizamos, mas não conseguimos escavar adequadamente pelo qual ainda se encontram *in situ* (ver foto 26 e fig. 25). No perfil encontramos alguns materiais arqueológicos entre os que destacam cerâmica comum, uma cântara de pasta branca e outra de pasta vermelha brunida com cronologia que aponta para os séculos XV-XVI.

A *qibla* e o muro 035 assentavam sobre um muro (número de u.e. 113, ver foto 26) em cuja base encontrámos um grande bloco de pedra que parece corresponder a um edifício anterior à Mesquita almóada. Não se conserva a parte meridional do muro que estava destruída e o seu espaço ocupado por entulho (u.e. 038), motivo que nos impede de confirmar se o *mīrāb* assentava também sobre esta estrutura, facto que nos parece o mais provável.

Entre o *mīrāb* e a estrutura 035 encontrámos os alicerces dum outro muro (u.e. 112), diagonal a estas estruturas, construído com blocos irregulares de pedra de xisto e argamassa. Este muro devia fechar o espaço entre o *mīrāb* e o muro 035 ao qual precederia. Desconhecemos se estas estruturas foram destruídas apenas aquando as obras de meados do século XX ou se tinham sido alteradas já pela fossa da sepultura localizada sob o muro 035, facto muito menos provável.

A Nascente deste muro, sob os entulhos da u.e. 038, confirmámos a existência dum pavimento argamassado muito irregular e deteriorado formando bolsas separadas entre si (u.e. 047 e 065). Continha uma bolsa de terra vermelha misturada com argamassa e tijolos (u.e. 070) e uma outra bolsa de argamassa amarela muito deteriorada (u.e. 111) em cujo interior foi detectada uma pá de ferro. Após a consolidação das estruturas a volta deste contextos, a escavação deverá num futuro aprofundar este sector.

No interior do espaço definido pela estrutura u.e. 035, inicialmente, abriu-se uma sondagem para verificar se a estrutura era maciça ou não. Depois de retirado o pavimento do adro (u.e. 001, 002 e 003), escavamos uma bolsa de entulho (u.e. 062)

em cujo interior foram encontradas duas moedas em bronze, dois ceitis de D. João III, dois objectos não identificados em ferro, e cerâmicas de vários períodos cronológicos entre os quais, fragmentos dum alquidar brunido, loiça vidrada de cozinha, e um fragmento de cântara decorada com pintura branca sobre pasta vermelha. A camada torna-se mais profunda à volta do contraforte almóada situado junto da porta nordeste da Mesquita (ver foto 27). Trata-se seguramente de uma sondagem efectuada durante as obras da DGEMN para verificar a profundidade atingida por este contraforte.

Este assenta sobre uma camada de pedra e argamassa de cal que, por sua vez, assenta sobre um muro composto por pedras de xisto e um grande bloco de granito (u.e. 066, ver foto 27 e fig. 9, 12 e 13) que se encontra alinhado com o muro 113 e que descrevemos anteriormente. Entre este muro 066 e o muro da *qibla* encontramos uma bolsa de pedras de xisto que podem consistir no enchimento do muro 066 ou uma simples camada de entulho (u.e. 067, ver fig. 8, 9, 12 e 13, e foto 27) o qual nos parece o mais provável tendo em conta o tipo de material arqueológico encontrado no seu interior. Este consistia em cerâmica de cronologia diversa na qual se destaca um fragmento de possível campaniense muito deteriorada, *Terra Sigillata Hispanica* cerâmica vidrada em melado islâmica e cerâmica comum. Dentro desta bolsa foram recolhidos também dois objectos não identificados um deles em bronze e outro em ferro.

Dado o interesse destas estruturas alargámos a escavação deixando apenas um pequeno espaço por escavar que permitisse o acesso à porta da Igreja. Encontrámos dois fragmentos dum pavimento argamassado muito deteriorado (u.e. 063 e 069) e, debaixo deste, uma grande camada de entulho (u.e. 064, ver fig. 8) com características e materiais diferentes aos encontrados nos outros sectores (u.e. 009, 018, 038 etc.), e que parecem corresponder a uma cronologia mais antiga, possivelmente, por volta dos séculos XVI e XVII. O espólio recolhido neste contexto consiste numa moeda, um dinheiro de D. Sancho II, um alfinete e uma escória de bronze; vários fragmentos de vidro e de escória de vidro; uma placa de chumbo; vários objectos não identificados, pregos, escória e uma estaca de ferro.

O espólio cerâmico era muito abundante e de períodos cronológicos diversos. Destacamos a presença de ânforas, cerâmica campaniense, *Terra Sigillata Hispanica* e *Terra Sigillata* clara e fragmentos que possivelmente correspondam a *Terra Sigillata* Sudgalica e à Derivada da *Sigillata* Paleocristã. De época omíada encontramos alguns fragmentos de vidrados melados. De época almóada (segunda metade do séc. XII e primeira do XIII), ressalta a presença de tigelas decoradas em melado e manganês, cântaras com pintura vermelha sobre pasta branca ou rosada, e branca sobre pasta vermelha ou cinzenta, e fragmentos de talha estampilhada uma delas com a inscrição *al-mulk*. Também encontramos fragmentos de cerâmica da Baixa Idade Média como loiça comum de cozinha, alguns alguidares brunidos, loiça vidrada em branco e um fragmento decorado em azul sobre fundo branco semelhante a algumas produções de Paterna (Espanha).

Debaixo deste entulho encontramos um conjunto de fragmentos de pavimento de argamassa de cal (u.e. 072 e 074, ver fig. 8) e de terra batida (u.e. 068, 071, e 073) muito deteriorados e com acusados desníveis (ver fig. 8 e 9). Num destes pavimentos (u.e. 071) foi encontrado um fragmento de moeda de bronze (um Tornês de D. Fernando I –1367 a 1383-) *Terra Sigillata Hispanica*, cerâmica vidrada em melado e comum da Baixa Idade media, e no outro (u.e. 074) cerâmicas de vários períodos cronológicos (campaniense, *Terra Sigillata* clara e vidrados melados, castanhos e verdes).

Debaixo destes fragmentos de pavimento encontramos uma camada irregular de terra castanha (u.e. 076 e 078, ver fig. 9). Nestes entulhos foram encontrados vários fragmentos de vidro; um fragmento de fivela de bronze; fragmentos de chumbo, uma ponta de seta e um fragmento não identificado em ferro. Merecem algum destaque duas moedas (um fragmento não identificado e um dinheiro de D. Dinis I –1279/1325-) e um brinco composto por aro e campânula de bronze e uma conta de osso. Entre o espólio cerâmico destacamos a presença de cerâmica campaniense, *Terra Sigillata Hispanica* e clara, fragmentos de tigela decorada em melado e manganês e em verde e

manganês de época omíada, de caçoila de “costillas” almóada e de vidrado branco da Baixa Idade Média.

Debaixo surgiram dois fragmentos de pavimento de lajes de xisto e argamassa, sensivelmente contemporâneos mais desconexos entre eles (u.e. 075 e 077, ver fig. 8 e 9) que coincidem, parcialmente, com um ressalto nos muros que delimitam o espaço (*qibla* e estrutura 035). Coincide também com a cota à qual o muro 035 possui uma menor profundidade no sector junto da *qibla* (ver foto 28). Pode tratar-se do pavimento da sacristia documentada na primeira metade do século XVI, embora a sua reduzida qualidade nos levante dúvidas. Os materiais encontrados na terra de assentamento dos pavimentos possuem a diversidade cronológica de outras camadas: *Terra Sigillata Hispanica* e clara, fragmentos de tigela decorada em melado e manganês e jarrinha pintada a branco sobre vermelho de época omíada, de caçoila de “costillas” e de tigela decorada em melado e manganês de época almóada.

Debaixo deste pavimento encontramos um muro paralelo à *qibla*, do qual apenas documentámos uma face exterior (u.e. 080, ver fig. 12 e 13, e foto 29). No estreito espaço entre este muro e a estrutura 035 encontrámos uma camada de entulho (u.e. 079) debaixo da qual aparece um pavimento argamassado (u.e. 081, ver fig. 12 e foto 29). Uma vez retirado este pavimento encontramos outra grande camada de entulho (u.e. 082, fig. 13) em cujo interior foram encontrados vários fragmentos e uma escória de vidro, um fragmento de prego de ferro, e uma possível moeda de bronze muito deteriorada. Estes contextos contem a mesma mistura de materiais cerâmicos de cronologia diversa de níveis descritos anteriormente: cerâmica campaniense, *Terra Sigillata Hispanica* e clara, fragmentos de tigela decorada em melado e manganês, e verde e manganês de época omíada, de tigelas em corda seca total e em vidrado verde, de caçoila de “costillas” e um fragmento de cerâmica esgrafitada de época almóada.

Debaixo desta última camada observa-se um novo pavimento argamassado, muito deteriorado (u.e. 093), que atinge uma profundidade semelhante à que atingia o

pavimento argamassado 065. Dada a grande profundidade atingida optámos por interromper a escavação neste ponto.

Entre o muro 080 e a *qibla*, debaixo do pavimento de argamassa de cal e lajes de xisto (u.e. 077) foram encontrados vários enterramentos (ver foto 30). O primeiro consistia numa sepultura parcialmente destruída, da qual apenas se conservavam os membros inferiores (u.e. 085, ver fig. 11 e 26, e foto 31) que tinha sido depositado em decúbito dorsal com orientação aproximada Sudoeste-Nordeste. Não se conservava qualquer estrutura que pudesse ser identificada como a cobertura do enterramento, efectuado numa simples fossa aberta na terra e preenchida com uma camada de terra castanha escura e solta (u.e. 084, ver fig. 12). Nela encontrou-se a habitual mistura de materiais: cerâmica comum, *Terra Sigillata Hispanica* e vidrada em verde da Baixa Idade Média.

A sul desta sepultura encontrava-se a Sepultura 2, coberta por algumas lajes de xisto (u.e. 083, ver fig. 10 e 12, e foto 30) e delimitada pela estrutura de grandes silhares descrita anteriormente (u.e. 066), e por uma outra estrutura de pedras de xisto (u.e. 089). A sepultura estava preenchida por uma camada de terra castanha escura e solta (u.e. 090) que continha uma espinha de peixe com um furo no seu interior, um fragmento de sílex, e pequenos fragmentos de cerâmica entre os quais se destaca um fragmento de *terra Sigillata clara*. No sepulcro encontraram-se dois esqueletos (ver fig. 27), o enterramento primário, depositado em decúbito dorsal e com orientação SW-NE (u.e. 091, ver fig. 28), e a redução dum outro esqueleto anterior (u.e. 092, ver fig. 27) cuja estrutura o primeiro esqueleto teria reocupado (ver foto 32).

A Sul encontramos a Sepultura 3, que tinha destruído parcialmente a sepultura 1. Tinha sido efectuada escavando uma simples fossa e sobre a cabeça encontrava-se um fragmento de fuste de coluna. A fossa estava preenchida por uma camada de terra castanha solta (u.e. 094) e pelo esqueleto (u.e. 095) que estava depositado em decúbito dorsal e com a mesma orientação dos anteriores (ver fig. 10, 11 e 29, e foto 33). Nos pés do esqueleto foi encontrada uma moeda romana de bronze muito deteriorada.

Esta sepultura também tinha destruído parcialmente uma outra sepultura (Sep. 05), cuja cabeceira (u.e. 088 ver fig. 12 e 32, e foto 34), construída cuidadosamente, era definida por duas fiadas de pedras sobre as quais se encontrava uma laje de xisto. Esta sepultura tinha sido realizada em fossa que encontramos preenchida por terra castanha solta (u.e. 099), e correspondia a um indivíduo infantil (u.e. 100), depositado em decúbito dorsal e com orientação mais próxima do que os anteriores da orientação preceptiva W-E. Não se conservavam as pernas, destruídas pela sep. 3 mas sim os pés que se encontravam a uma cota inferior (ver foto 35). No interior da sepultura encontramos fragmentos de cerâmica comum, um deles um fragmento de bico de pasta branca, e *Terra Sigillata* clara.

Junto da *qibla*, encontramos mais uma sepultura (sep. 4) com orientação semelhante às sep. 1, 2 e 3. Estava delimitada pela *qibla* e por uma estrutura formada por uma fiada de pedras de xisto que designamos com o nº de u.e. 086 e por um conjunto de lajes de xisto e um grande fragmento de talha de cerâmica que a separava da parede da mesquita (u.e. 103). O seu enchimento consistia em terra castanha escura (u.e. 087, ver fig. 12) que continha dois objectos não identificados em ferro e cobria os esqueletos e outra terra mais escura e solta entre os ossos (u.e. 102). No enchimento encontramos minúsculos fragmentos de cerâmica comum e de *Terra Sigillata Hispanica*. Como no caso da sep. 2 continha um esqueleto depositado em decúbito dorsal (u.e. 101, ver fig. 10 e 31, e foto 37) e a redução dum outro indivíduo anterior (u.e. 096, ver fig. 30 e foto 36).

Aos pés da sepultura encontramos ainda uma camada de lajes de xisto (u.e. 109, ver fig. 13) que poderia corresponder a um enchimento do espaço entre a sepultura e o muro 066 depois de praticado o enterramento, dado se ter encontrado entre o espólio recolhido cerâmica vermelha engobada e incisa do século XV ou XVI junto com materiais mais antigos (*Terra Sigillata Hispanica* decorada por molde, *Terra Sigillata clara*, e cerâmica vidrada em melado de época islâmica).

Depois de documentados e exumados os enterramentos e as estruturas a estes associadas, escavámos a camada de terra em que tinham sido escavadas as sepulturas.

Desta só restavam algumas bolsas especialmente a localizada debaixo da sepultura 3 (u.e. 097) e a situada entre esta mesma sepultura e o muro 080 e que foi designada com o nº de u.e. 098. No interior destas camadas foram encontrados fragmentos de cerâmica comum, de *Terra Sigillata* clara e de cântara decorada com pintura vermelha de traço largo almóada, e um fragmento de faca em ferro.

Debaixo encontrámos um contexto de pedras irregulares que parecem corresponder a um entulho associado à construção do muro 080 (u.e. 105, ver fig. 13 e foto 38), anterior aos enterramentos. Os materiais encontrados neste contexto podem atribuir-se a cronologias antigas. Encontramos cerâmica comum e *Terra Sigillata Hispanica* e clara.

Junto da *qibla*, debaixo da sepultura 4 encontramos uma camada de terra castanha muito compacta (u.e. 104) que pode tratar-se, para além do fundo da estrutura funerária, dum pavimento, tal vez de época islâmica. No seu interior foram encontrados dois fragmentos de vidro e cerâmica comum. Debaixo desta camada de terra batida encontramos um conjunto de lajes de xisto (u.e. 107, ver fig. 13), cuja identificação é difícil de precisar mas que poderia tratar-se dum pavimento associado às estruturas prévias à mesquita almóada.

Debaixo de algumas das pedras do contexto 105 emerge um grande bloco de pedra que forma um muro (u.e. 106, ver foto 39) perpendicular à *qibla* e que se encontra entrelaçado com o muro 066 e que identificámos como pré-islâmico. Ambos os muros poderiam constituir uma abside rectangular de época paleocristã. Retirámos o entulho bastante compacto (u.e. 108) existente entre estes muros e o muro 080, que também retirámos parcialmente. O desmonte do muro forneceu cerâmica do fim do período islâmico (um fragmento de jarrinha globular em pasta branca e um pucarinho de cerâmica comum que talvez pertença à Baixa Idade Media). No interior do entulho encontramos misturados materiais, mais antigos no geral, mas de períodos diferentes: *Terra Sigillata Hispanica*, painéis de perfil em “S” e tigelas de bordo introvertido da Antiguidade Tardia, e cerâmica pintada a branco e decorada em verde e manganês de época omíada.

Verificámos que as estruturas pré-islâmicas atingem uma grande profundidade e se encontram solidamente construídas reutilizando alguns grandes silhares de modulação romana (ver foto 40). A sua correcta interpretação impõe a escavação do espaço a Norte destas estruturas, frente à porta nordeste da mesquita, motivo que levou à interrupção da escavação até se criarem condições adequadas para a intervenção neste espaço.

4. 2. ESCAVAÇÃO NO INTERIOR DA MESQUITA / IGREJA MATRIZ

Conforme previsto, durante os primeiros meses de 2004 realizou-se uma intervenção arqueológica no interior da Mesquita/Igreja Matriz de Mértola destinada a aferir a origem das concentrações de humidade existentes na zona onde se situa o *mīrab* da antiga mesquita.

Os trabalhos tiveram o seu início em meados do mês de Janeiro após as celebrações natalícias. A escavação ficou restrita ao espaço delimitado pelo nicho do *mīrab*, e qualquer alargamento da escavação foi impossibilitado pela presença do Altar Mor da Igreja e de uma coluna que sustenta à imagem da Nossa Senhora que actuaram como limite da escavação.

Os trabalhos decorreram lentamente devido à necessidade de consolidar algumas das argamassas do *mīrab* que iam ficando sem sustentação. Devido às reduzidas dimensões do espaço e ao tempo indispensável de secagem das consolidações, não foi possível desenvolver em simultâneo os trabalhos de escavação e de consolidação. Os trabalhos de escavação prolongaram-se durante o mês de Março tendo ficado concluídos antes do início das celebrações da Páscoa.

Os trabalhos de escavação iniciaram-se com a remoção do pavimento de tijoleira da Igreja (u.e. IM001, ver fig. 1) e a sua respectiva preparação de argamassa de cimento (u.e. IM002, ver foto 41 e fig. 2). Debaixo dessa argamassa apareceu uma camada de terra castanha escura e solta (u.e. IM003) a preencher todo o *mīrab* e que serviu de assentamento ao pavimento (ver foto 42). Neste contexto foram encontrados um fragmento de madeira com recorte floral e pintura verde, um fragmento de vidro

negro, um botão circular com arranque de pé e outro objecto cilíndrico dobrado em bronze.

Debaixo desta camada de terra castanha encontrou-se um pavimento irregular de argamassa de cal (u.e. IM004, ver fig. 3) do qual foi recolhido um fragmento de madeira com uma das superfícies pintadas, pregos e um fragmento de vidro. Pensamos corresponder ao pavimento existente durante as obras de restauro do monumento nos anos cinquenta. Este contexto estendia-se pela parte central e norte do nicho, e era interrompido por uma bolsa de entulho (u.e. IM006; foto 43 e fig. 3) e um muro perpendicular à *qibla*, prolongamento do *mīrāb*. Este muro foi designado como u.e. IM007.

No extremo sul do nicho, a sul do muro/u.e. IM007, detectamos um outro contexto (u. e. IM005, ver fig. 3) composto por entulho de terra acinzentada. No seu interior detectaram-se pregos e um objecto cilíndrico de ferro. Debaixo desta camada de terra acinzentada encontrou-se uma camada de argamassa muito branca e muito fina, com muitas fissuras (u.e. IM008; ver 44 e fig. 4) em cujo interior também foram detectados dois fragmentos de pregos de ferro.

Em nível imediatamente inferior apareceu um pavimento de terra batida com alguns nódulos de argamassa (u.e. IM009; ver foto 45 e fig. 4). Este pavimento era a superfície de uma camada de entulho composta por terra acinzentada, pequenas pedras, fragmentos de telha e tijolo e nódulos de argamassa cinzenta (u.e. IM010, ver fig. 5). No seu interior foi encontrado um fragmento de vidro, e cerâmica comum e pintada a branco.

A uma profundidade de 10 cm, aproximadamente, encontramos um novo contexto (u. e. IM013; ver foto 46) muito mais compacto mas com as mesmas características: terra castanha acinzentada, nódulos de argamassa, pedras de xisto e fragmentos de telha e tijolo.

Debaixo da camada de entulho IM013 apareceu uma nova camada de terra batida muito compacta e dura (u.e. IM020, ver fig. 6) contendo cerâmica comum,

vidrada em melado e manganês, e telha de borde digitado que a uma profundidade aproximada de 10 cm começa a conter um maior número de pedras de maiores dimensões pelo que passou a ser designada com o número de u.e. IM023 (ver foto 47). No seu interior foram encontrados fragmentos de mármore, de osso de animal e de conchas, fragmentos de vidro e pregos de ferro. Entre o espólio cerâmico merece algum destaque um grande fragmento de alguidar com decoração de cordão digitado.

Debaixo desta camada encontramos um muro que, como veremos posteriormente, se estendia sob o *muralha* (u.e. IM024) e junto do muro, encostado a ele, outro nível composto por lajes de xisto e pedras (u.e. IM027; ver foto 48 e fig. 7). Neste contexto encontramos dois fragmentos de cerâmica comum um fragmento de vidro e um prego de ferro.

A norte do muro IM007, foi retirada a pequena camada de entulho que o cobria parcialmente (u.e. IM006; ver foto 43). Este contexto consistia numa bolsa pequena, mas profunda, de entulho com pedras de xisto de grandes dimensões e fragmentos de reboco de parede. Este contexto parece estender-se pela sala de oração.

Debaixo do contexto IM004, que ocupava o resto do espaço, encontramos uma camada (u.e. IM011; ver foto 49 e fig. 5) de terra castanha, solta, com abundantes materiais arqueológicos. No que diz respeito à cerâmica podemos destacar vários fragmentos de cântaras, dois fragmentos vidrados em melado, um decorado com pintura vermelha e outro com incisões onduladas, e um fragmento de *sigillata* clara. Também foram recolhidos objectos não identificados e vários pregos de ferro, um fragmento de alfinete de bronze, uma conta esférica de osso, um grande disco de xisto, e fragmentos de argamassa provenientes do reboco das paredes. Destaca-se especialmente a recolha de 5 moedas de bronze e metade de uma outra, das quais uma delas é ilegível, uma segunda é um dinheiro de D. Sancho II, a terceira e a quarta são dinheiros de D. Afonso III, a quinta é um dinheiro de D. Dinis I, e a metade parece corresponder a um dinheiro de S. Sancho II. Estes dados permitem concluir que se trata de uma camada de entulho, relacionada certamente com obras de adaptação do Altar-Mor datáveis em torno ao final do século XIII ou, mais provavelmente, primeira metade

do século XIV.

No sector ocidental da u.e. 011 apareceram várias lajes de xisto que foram designadas como u.e. IM012 (ver foto 49 e fig. 5).

A norte destes dois contextos aparece uma estrutura (u.e. IM018; ver foto 50 e fig. 6) que ocupa todo o espaço restante. Esta estrutura é muito compacta, composta de pedras argamassadas. Na sua face visível (ver foto 51) podemos comprovar que é prolongamento do *muralb*, construída com tijolo e pedras de xisto de pequenas dimensões. Do lado da sala de oração encostava-se a um grande silhar de granito. Esta é exactamente a mesma composição do muro oposto com o número de u.e. IM007 (ver foto 52).

A camada IM011 sobrepunha-se a uma outra camada de entulho composta de terra castanha, pedras de xisto de pequeno tamanho e alguns fragmentos de tijolo (u.e. IM014, ver foto 53). A oeste, do lado do altar, esta camada encontrava-se delimitada por uma camada de argamassa (u.e. IM015) debaixo da qual constatamos a existência de um muro formado por pedras de xisto de tamanho médio (u.e. IM017, ver fig. 6).

Depois de retirada a camada de entulho IM014 encontramos uma nova camada de terra castanha bastante mais solta (u.e. IM016) que continha cerâmica comum, um fragmento de tampa e um pequeno fragmento vidrado em melado. A 20 cm de profundidade muda a sua composição e passa a conter um maior número de fragmentos de tijolo, pedras de xisto, e nódulos de argamassa, pelo que lhe atribuímos um novo número de u.e. IM019. No seu interior encontramos vários fragmentos de cerâmica comum e de sigillata clara.

Debaixo da u.e. IM019 encontramos um novo muro (u.e. IM021; ver fotos 54 e 55, e fig. 6), semelhante ao muro IM017 e, paralelo a este, um pavimento argamassado (u.e. IM022, ver fig. 6) no interior do qual encontramos alguns fragmentos de cerâmica comum. Depois de retirar o muro duplo IM017 e IM021 verificamos que o pavimento se prolongava debaixo das estruturas e que é contemporâneo do *muralb* e portanto podemos datar de época almóada.

Neste ponto, tornou-se necessário consolidar alguns fragmentos de estuque do *mural* que tinham ficado sem apoio inferior (ver foto 56). Isto levou à consolidação dos estuques antes de continuar os trabalhos de escavação o que motivou a sua interrupção durante algumas semanas.

Retomados os trabalhos, procedemos ao levantamento do pavimento u.e. IM022 debaixo do qual encontrámos um muro que corresponde a uma estrutura pre-almóada e a uma camada de terra castanha escura (u.e. IM025) onde apenas foi encontrado um pequeno fragmento de cerâmica comum. No seu interior encontramos fragmentos de vidro e pregos de ferro. Debaixo desta, aparece uma nova camada muito compacta de pedras de xisto e argamassa (u.e. IM026). Uma vez retirada esta camada encontrou-se uma nova camada (u.e. IM027, foto 57) com características semelhantes mas com muito maior densidade de lajes de xisto e de telhas que parece tratar-se dum enchimento muito compacto da estrutura previa ao *mural* que encontramos no exterior do edifício.

Verificamos que este contexto (u.e IM027) e as estruturas subjacentes ao *mural* (u.e. IM024, ver fig. 7) se prolongavam a sul do muro IM007 debaixo do contexto IM023, como já referimos mais acima.

Neste ponto, em todo o interior do *mural* encontramos contextos que interpretamos como estruturas pertencentes ao *mural* ou entulhos muito compactos da estrutura subjacente, cuja escavação se encontra dificultada pelas reduzidas dimensões do espaço. Desta forma tornou-se contraproducente prosseguir a escavação que foi interrompida.

5. DESCRIÇÃO E INTERPRETAÇÃO DAS ESTRUTURAS

No que diz respeito à sondagem no exterior da antiga Mesquita é muito clara a interpretação da estrutura encontrada entre o *mihrāb* e o contraforte sudeste da Igreja, com um ossário encostado ao muro da *qibla*.

Este ossário de 3 por 1,5 metros aproximadamente atingia uma profundidade de 1,5 metros. As ossadas encontradas no seu interior não possuíam qualquer conexão anatómica tratando-se, evidentemente, de um amontoado de ossos retirados das suas sepulturas originais, certamente, do interior da Igreja. Parece ter sido preenchido durante um curto espaço de tempo, dada a homogeneidade estratigráfica dos materiais cerâmicos encontrados, entre os quais se destacam vários fragmentos de azulejos decorados com a técnica da aresta. Estes devem ser os mesmos que tinham sido colocados nos altares da igreja por volta de 1527 (Macias *et alii*, 2002: 44-45) e possivelmente arrancados em 1554 (Macias *et alii*, 2002: 66 e 73). Estes e outros indícios levam-nos a datar o ossário entre a segunda metade do século XVI e inícios do século XVII.

Junto do ossário encontramos diversas estruturas relacionadas com a sacristia da Igreja Matriz. Esta sacristia, destruída em meados do século XX aquando as obras de recuperação do edifício pela Direcção Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais (DGEMN, 1953), foi construída, seguramente, em finais do século XVI ou no século XVII (Macias *et alii*, 2002: 79).

As estruturas consistem numa semi-cave, da qual não tínhamos registo, dividida em dois espaços que comunicam entre si, e outras estruturas já fora de uso antes do momento da destruição da sacristia.

Durante as referidas obras da DGEMN, os entulhos provenientes da demolição da sacristia foram depositados na semi-cave (u.e. 009, 018, 020, 021, 038, etc.) sem compactar o que motivou o posterior abatimento do pavimento do adro.

A retirada dos entulhos pôs a descoberto um grande compartimento com uma janela entaipada na fachada sudeste. Depois de retirados os entulhos surgiu parte do derrube do telhado do edifício (u.e. 024) e uma camada de argamassa que pode corresponder a um pavimento da semi-cave extremadamente deteriorado onde se encontravam abandonadas alfaías litúrgicas processionais e outros utensílios de variada índole. Depois de retirada esta camada de abandono encontraram-se diversas estruturas, de fases anteriores do mesmo edifício ainda por escavar.

Este compartimento comunicava com um segundo espaço a través de um arco abatido, bastante deteriorado. Este segundo espaço, muito estreito e em forma de L, estava delimitado a noroeste por uma estrutura que podemos identificar como os alicerces da primitiva sacristia do século XVI, e a sudoeste pelo alicerce do *muro* *007*.

O estudo das estruturas e as suas relações estratigráficas permitiu deduzir que a sacristia só foi construída após as obras de meados do século XVI que transformaram o sistema de coberturas da Igreja. Os muros perpendiculares à qibla (u.e. 017 e 022), que contribuem à estabilidade do edifício, apoiam-se no contraforte e no *muro* *007*. A estes muros encostam as outras estruturas da semi-cave.

O muro 007 parece ter sido construído num segundo momento, em substituição do muro 042 do qual apenas conservamos o embasamento, formando uma espécie de corredor que daria acesso a um piso ligeiramente mais elevado no sector norte da sacristia. A este mesmo momento construtivo correspondem os degraus de tijoleira (u.e. 029) e um pavimento de lajes de xisto (u.e. 014 e 036) que foi inutilizado e seccionado pelo muro 008 cuja função estrutural é difícil definir. Estas estruturas ocupam um estreito espaço entre o ossário e o muro 042 e inutilizam um vão existente no muro 022 do qual ainda é visível o topo do arco. Ligeiramente posterior a estas estruturas são aquelas que associamos a uma espécie de latrina (u.e. 040 e 046).

O muro 019 também corresponde a um segundo momento construtivo. Apoia nos muros 017 e 022 e interrompe os pavimentos de seixos associados ao muro 042. Estas reconstruções nos levam a considerar a hipótese de profundas obras na sacristia relacionadas com uma possível destruição duma parte delas. Algumas fendas no *mīrāb* e no muro 017, consolidadas de antigo, sugerem a possibilidade das estruturas terem sofrido algum abalo, talvez com o tremor de terra de 1755.

No compartimento norte da semi-cave da sacristia a escavação permitiu descobrir os alicerces do *mīrāb* consiste numa monumental estrutura de planta rectangular e não semi octogonal como o *mīrāb* almóada, construída com grandes silhares de granito. Também pôs a descoberto um grande orifício aberto no *mīrāb* y na *qibla*. Sem dúvida esta fenda na estrutura se encontrava aberta quando a sacristia foi destruída em meados do século XX, e preenchida com os entulhos derivados da referida demolição. Possivelmente esta sondagem destruiu também a estrutura diagonal ao *mīrāb* que fechava o pequeno espaço existente entre ele e o muro 035. Não podemos assegurar que esta destruição não tenha a sua origem num momento anterior às obras da DGEMN, mas o facto de os entulhos do século XX se encontrarem em todos os recantos do orifício nos inclinam a considerá-lo obra desse mesmo momento.

A escavação permitiu, em primeiro lugar, precisar a cronologia do muro 035. Este sustentava parcialmente o arcobotante construído no século XVI, após as obras que transformaram o sistema de coberturas da Igreja Matriz, e encostava, também, num dos contrafortes da mesquita almóada. É facilmente identificável com a sacristia referida nas visitas da Ordem de Santiago, mandada construir em 1482 (BARROS, BOIÇA e GABRIEL, 1996: 43) e que aparece já no desenho de Duarte Darnas que se data por volta de 1509. A descrição que dela se faz nas visitas de 1515 coincide essencialmente com aquilo que encontramos na escavação (MACIAS *ET ALII*, 2002; BARROS, BOIÇA e GABRIEL, 1996: 69).

A destruição desta pequena sacristia foi motivada pela construção do arcobotante logo após as transformações da cobertura da Igreja em meados do século XVI ou, talvez, só na segunda metade do século visto ainda se encontrar em pé

aquando da visitação de 1565 (BARROS, BOIÇA e GABRIEL, 1996: 351). Esta cronologia vê-se confirmada pela presença na superfície de destruição do muro duma moeda de D. Sebastião I (1557-1578).

As obras de construção da sacristia em finais do século XV ou primeiros anos do XVI deve ter sido a origem de uma boa parte das unidades estratigráficas encontradas no espaço delimitado pelo muro 035 e pela fachada da Mesquita / Igreja Matriz: pavimentos argamassados ou de terra batida fragmentados e de pouca consistência (u.e. 063, 068, 069, 071, 072, 073, 077, 081 e 093), e camadas de entulho (064, 074, 078, 079 e 82).

A um momento anterior devemos atribuir o muro 080 que deve corresponder ao limite do terreno existente neste sector antes da construção da sacristia. Possivelmente era contemporâneo do muro diagonal ao *mārab* que encontrámos arrasado (u.e. 112). Ambos teriam sido construídos para delimitar um pequeno espaço funerário que podemos datar de forma imprecisa entre o momento da conquista cristã de Mértola em 1238 e a ordem de construção da sacristia, em 1482.

Esta pequena necrópole apresenta uma densa ocupação do espaço e uma organização bastante clara e estruturada destinada a aproveitar ao máximo o espaço disponível. Provavelmente é esse o motivo da orientação pouco “ortodoxa” dos enterramentos que dificilmente teriam espaço suficiente se orientados W-E. No entanto, não devemos excluir a hipótese de que as cabeceiras fossem intencionada e simbolicamente orientadas ao Altar Mor, na altura situado no espaço do antigo *mārab*.

Outro facto interessante a ressaltar é a existência de estruturas destinadas a marcar a cabeceira das sepulturas, um fragmento de fuste de coluna na sepultura 3 e uma complexa estrutura aproximadamente triangular na sepultura 5.

Também merece destaque a destruição de algumas sepulturas por outras das quais não haveria memória, mesmo que existindo marcas da cabeceira duma delas (sep. 5). Estas reutilizações parecem definir duas fases no pequeno cemitério: uma mais antiga em que os enterramentos tentavam adoptar a orientação preceptiva W-E

(sep. 5 e enterramento localizado sob o muro 035), e uma segunda etapa posterior em que os enterramentos se orientavam claramente com a cabeceira a Sul e os pés a Norte, para aproveitar melhor o pequeno espaço disponível. Nesta segunda fase deviam ser visíveis na superfície elementos estruturais das sepulturas e outros marcos de referência que permitiam reutilizar os sepulcros colocando no mesmo espaço funerário a redução do esqueleto do defunto mais antigo.

As alterações produzidas na estratigrafia pelas sepulturas tornam extremamente difícil definir a cota e a configuração topográfica do pavimento que existiria neste sector aquando do período de funcionamento da mesquita e que terá sido destruído por elas. No entanto, a escavação junto da porta conservada da mesquita poderá vir a esclarecer este ponto.

No que diz respeito às estruturas de grande porte que utilizavam silhares de grande módulo e que começam a emergir na escavação (u.e. 066 e 113), é possível que se encontrassem parcialmente a descoberto no momento da constituição da necrópole visto serem utilizadas nas próprias sepulturas.

Pouco mais podemos precisar em relação a estas estruturas antigas, embora o facto de se encontrarem alinhadas e possuírem materiais com módulos semelhantes permite atribuir-lhes uma cronologia contemporânea, anterior à construção da mesquita visto assentar a sua *qibla* sobre eles.

Uma outra sondagem efectuou-se no interior do *mīrāb* com o intuito de detectar a origem da humidade que estava a infiltrar-se por capilaridade no revestimento decorativo de época almóada. A escavação permitiu confirmar que as suas estruturas de suporte se prolongavam em direcção à sala de oração, facto que podia deduzir-se também da organização decorativa em estuque (Torres Balbás, 1955) e de algumas imagens recolhidas pela DGEMN durante as obras de restauro dos anos quarenta do século XX (ver foto 4).

Também foram localizadas varias camadas de entulho depositadas durante a Baixa Idade Media, após a conquista cristã, provavelmente relacionadas com trabalhos de acondicionamento e decoração do nicho para alojar o altar Mor da Igreja. Encontramos também um pavimento contemporâneo ao *mīrāb* e, portanto, datado de época almóada, situado a uma cota sensivelmente mais baixa do actual pavimento da Igreja. Verificamos também a existência de embasamentos anteriores ao *mīrāb* almóada que, provisoriamente, podem ser atribuídos a época pré-islâmica, embora os testemunhos em que se apoia esta datação não são conclusivos nem se encontram estudados em profundidade.

6. O ESPÓLIO

A escavação na Mesquita/Igreja Matriz de Mértola forneceu uma razoável quantidade de materiais, especialmente de materiais metálicos. Uma primeira aproximação ao espólio revela, por um lado, que nos contextos superficiais e de preenchimento da semi-cave da Sacristia destruída a meados do século XX encontramos maioritariamente objectos contemporâneos entre os quais se misturam artefactos mais antigos, provenientes de removimentos no subsolo, ou integrados no material de construção da sacristia que posteriormente serviu de entulho.

Por outro lado, no espaço da antiga sacristia delimitado pelo muro 035, encontramos uma maior antiguidade dos materiais, embora verifiquemos sempre a mistura de materiais de vários períodos cronológicos. Encontram-se fragmentos de cerâmica campaniense *Terra Sigillata Sudgalica e Hispanica* altoimperial, de *Terra Sigillata clara* do Baixo Império e derivadas da Sigillata Paleocristã. De época islâmica encontramos objectos decorados em melado e manganês e em verde e manganês de época omíada, de cerâmica decorada em corda seca total do século XII, e fragmentos com vidrado verde, de talha estampilhada, de jarrinha esgrafitada e de tigela vidrada em bicromia de melado e manganês ou em monocromia em verde de época almóada.

Entre os materiais cerâmicos da Baixa Idade Media e do século XVI foram recolhidos vários fragmentos de cerâmica vermelha de paredes finas e decoração incisa, e fragmentos de loiça vidrada em branco, num caso com decoração em azul de possível origem em Paterna. Também cabe destacar vários fragmentos de azulejo decorado com a técnica da aresta e que permitem datar o ossário, de forma aproximada, no século XVI. Do mesmo período foram recolhidos um fragmento de azulejo de corda seca total,

vários fragmentos de cerâmica vermelha de paredes finas e decoração estampilhada e digitada, ou com decoração em relevo, fragmentos de cachimbo e de uma panela globular.

Entre os artefactos líticos do espólio cabe referir o achado de pedras de jogo e outros discos de maiores dimensões em xisto. Também se encontraram vários fragmentos de fustes de coluna em mármore.

Destaca-se uma grande abundância de objectos metálicos. No breve inventário do anexo D pode observar-se o elevado número de pregos e fragmentos de objectos indefinidos de ferro que foram encontrados durante as escavações. Foram também encontradas algumas argolas, dobradiças, ferragens de portas, uma tranca, fechaduras, ferrolhos, uma chave, e outros objectos em ferro, e pontas de fuso, alfinetes e brincos em bronze. Também merecem destaque o conjunto de alfaia litúrgica e objectos em matéria orgânica extraído da sacristia e que devem ter sido abandonados nesta aquando da destruição do edifício nos meados do século XX. Entre eles podemos referir vários fragmentos de lâmpadas ou lanternas de procissão de ferro.

Devemos ressaltar a razoável quantidade de numismas encontrados, que permitiram confirmar em muitos casos a cronologia dos distintos contextos (ver estudo monográfico no Anexo E).

Por último podemos referir algumas características do espólio osteológico. No que respeita ao material ósseo encontrado no ossário, sendo que não foram encontrados ossos em conexão anatómica, e a maior parte deles se encontrarem fragmentados, é praticamente impossível reconstituir qualquer esqueleto. Uma primeira aproximação ao espólio permitiu-nos identificar ossos de crianças e indivíduos adultos de ambos sexos e diferentes idades. No que respeita aos esqueletos encontrados no Cemitério da Baixa Idade Média, foi realizado uma primeira abordagem laboratorial que pode encontrar-se no Brevê estudo Antropológico do Anexo D.

Finalmente devemos alertar para o carácter preliminar desta aproximação ao espólio que deverá ser corrigido e ampliado em futuros estudos de pormenor.

7. CONCLUSÕES

É indubitável, por vários motivos, a importância histórica e arqueológica dos achados. Em primeiro lugar, os vestígios arqueológicos das idades moderna e contemporânea (ossário, primitiva sacristia do século XVI e semi-cave da sacristia moderna/contemporânea) possuem o interesse de se encontrarem em bastante bom estado de conservação e de não se terem sido documentados nos textos até agora estudados sobre a Igreja Matriz de Mértola.

Em segundo lugar, a escavação permitiu localizar e caracterizar a pequena necrópole da Baixa Idade Media cuja existência se desconhecia. A densa necrópole possui características invulgares sobre tudo na orientação das sepulturas e na demarcação das mesmas. É também interessante a repetida reutilização das estruturas funerárias que num dos casos chega a apresentar até três indivíduos.

Em terceiro lugar, localizaram-se diversas estruturas pré-almóadas (possível *mīrāb* califal e possível abside rectangular paleocristã), de grande importância histórica e arqueológica como testemunhos da ocupação religiosa do espaço nas épocas romana e altomedieval, e uma certa imponência monumental.

Por estes motivos, foi julgado necessário alargar a escavação ao restante espaço do tabuleiro virado a Nascente do Adro da Igreja Matriz de Mértola.

Por outro lado, a escavação no interior do *mīrāb* da Mesquita de Mértola permitiu confirmar que as suas estruturas de suporte se prolongavam em direcção à sala de oração, e foram localizadas várias camadas de entulho depositadas durante a Baixa Idade Media. Verificamos também a existência de embasamentos anteriores ao *mīrāb* almóada que, provisoriamente, podemos datar de época islâmica.

A humidade existente neste espaço parece ter diminuído sensivelmente nos últimos meses, embora não estejamos ainda em condições de determinar com exactidão a sua proveniência.

No que diz respeito à conservação das estruturas encontradas, durante os trabalhos de campo foram colocadas marcas de gesso nas fendas dos muros 017 e 022, destinadas a verificar possíveis deslocções dos muros, facto que até a data não se verificou pelo que podemos concluir que possuem bastante estabilidade embora seja evidente a necessidade de elaborar um programa de medidas de consolidação.

É inquestionável, pelos vários motivos expostos, a importância histórica e arqueológica dos achados tanto no interior como no exterior da Igreja Matriz / antiga Mesquita de Mértola. Por esse motivo recomendamos as seguintes medidas:

1. A continuação das escavações arqueológicas, especialmente no Adro da Igreja.
2. A musealização do espaço escavado no exterior da igreja junto do *mural*.
3. A instalação duma cobertura provisória sobre os vestígios escavados no exterior que os proteja até ao momento da sua musealização.

Mértola, 30 de Março de 2005

/Susana Gómez Martíne

z/

8. BIBLIOGRAFIA

ALMEIDA, João de (1943) *Livro das Fortalezas de Duarte Darnas*, Lisboa, Editorial Império, 1943.

BARROS, Fátima; BOIÇA, Joaquim; GABRIEL, Celeste (1996): *As Comendas de Mértola e Alcaria Ruiva. As visitas e os Tombos da Ordem de Santiago*. Coleção Estudos e fontes para a História Local, nº 2, Mértola, Campo Arqueológico de Mértola.

BASSET, Henri; TERRASSE, Henri (1932): *Sanctuaires et forteresses almohades*, Collection Hespéris, Institut des Hautes Etudes Marocaine, nº V, Paris, Larose Éditeur.

BOIÇA, Joaquim; BARROS, Fátima (1999): *A Mesquita- Igreja de Mértola*, "Ordens Militares. Guerra, Religião, Poder e Cultura – Actas do III Encontro sobre Ordens Militares", vol. 2, pp. 341-365. Lisboa, Edições Colibri / Câmara Municipal de Palmela.

EWERT, Christian (1973a): *Die Moschee von Mértola (Portugal)*, "Madrider Mitteilungen", 14, p. 217, Ed. Instituto Arqueológico Alemán de Madrid.

EWERT, Christian (1973b): *La Mezquita de Mértola (Portugal)*, "Cuadernos de la Alhambra", nº 12, pp. 307-338. Granada, Patronato de la Alhambra y el Generalife.

EWERT, Christian; WISSHAR, Jens-Peter (1984): *Forschungen zur almohadischen Moschee. Lieferung 2: Die Moschee von Tinmal (Marokko)*, Mainz am Rhein, Verlag Philipp von Zabern.

GÓMEZ-MORENO MARTÍNEZ, Manuel (1919): *Iglesias Mozárabes. Arte español de los siglos IX a XI*. Madrid, Centro de Estudios Históricos.

MACIAS, Santiago; TORRES, Cláudio; BOIÇA, Joaquim; BARROS, Maria de Fátima (2002): *Mértola mesquita/Igreja Matriz*, Mértola, Edição do Campo Arqueológico de Mértola.

TORRES *ET ALII* (TORRES Cláudio; BOIÇA Joaquim; LOPES Virgílio; PALMA Manuel) (1991): *Museu de Mértola. I Núcleo do Castelo*. Ed. Campo Arqueológico de Mértola.

TORRES, Cláudio *et alii* (1993): Núcleo Visigótico. Museu Regional de Beja. Beja, Museu Regional de Beja.

TORRES BALBÁS, Leopoldo (1955): *El mārīb almóada de Mértola (Portugal)*, "Al-Andalus", XX, 1955, pp. 188-195. Madrid-Granada, CSIC.